

Cristina Dias Ascensão

**Valores pessoais e identidade em adultos emergentes:
qual o papel do *social connectedness*?**

Orientadora: Ana de Nazaré Prioste

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

Lisboa

2016

Cristina Dias Ascensão

**Valores pessoais e identidade em adultos emergentes:
qual o papel do *social connectedness*?**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Escola de Psicologia e Ciências da Vida com Despacho Reitoral nº80/2017 com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Américo Baptista

Arguente: Professora Doutora Bárbara Gonzalez

Orientadora: Professora Doutora Ana de Nazaré Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

Resumo

Os valores pessoais e o *social connectedness* têm sido apontadas como variáveis influentes no desenvolvimento da identidade. Com recurso a um desenho quantitativo transversal e a uma amostra de 275 adultos emergentes, o presente estudo pretende analisar, em adultos emergentes portugueses: a relação entre os valores pessoais, os dois ciclos de desenvolvimento da identidade (formação e avaliação do compromisso) e o *social connectedness*; se os valores pessoais são preditores dos ciclos de desenvolvimento da identidade; o papel mediador do *social connectedness* na relação entre os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade. Os resultados dos modelos de equações estruturais mostram que: os valores pessoais predizem os ciclos de desenvolvimento da identidade; o *social connectedness* é mediador da relação entre os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade. Os resultados sugerem que a adesão a valores pessoais individualistas e coletivistas contribua para a formação e avaliação dos compromissos, preservando o sentido de ligação com o mundo social e favoreçam a formação e a avaliação de compromissos. Para além disso, o sentimento de proximidade interpessoal pode funcionar como um mecanismo de confirmação em relação aos valores pessoais a que os adultos emergentes aderem, contribuindo para o desenvolvimento da sua identidade. Este estudo tem implicações para a literatura relacionada com os valores pessoais e o desenvolvimento identitário nos adultos emergentes.

Palavras-chave: desenvolvimento identitário; *social connectedness*; valores pessoais; adultos emergentes.

Abstract

Personal values and *social connectedness* have been pointed out as influent variables in identity development. By means of a transversal quantitative design and a sample of 275 emerging adults, the present study tries to analyse, in portuguese emerging adults: the relation between personal values, the two cycles of identity development (formation and evaluation of commitment) and the *social connectedness*; if personal values foretell the cycles of the identity development; the mediatory role of the *social connectedness* in the relation between personal values and the two cycles of the identity development. The results of the patterns of structural equations show that: personal values foretell the cycles of identity development; the *social connectedness* mediates in the relation between personal values and the cycles of identity development. The results suggest that the enrolment with individualistic and collectivist personal values contributes to the formation and evaluation of commitments, securing the feeling of binding with the social world, and helps the formation and evaluation of commitments. Furthermore, the feeling of interpersonal kinship can act as a device for confirmation in what concerns personal values to which the emerging adults adhere, helping the development of their identity. This work is engaged with the bibliography related with personal values and identity development in emerging adults.

Keywords: identity development; *social connectedness*; personal values; emerging adults.

Índice Geral

Introdução.....	IV
Desenvolvimento da identidade: modelos explicativos	VI
Valores pessoais	VII
Social connectedness	VIII
Adultos emergentes: tarefas desenvolvimentais.....	IX
O presente estudo.....	X
Método.....	XI
Amostra	XI
Procedimento de recolha de dados	XI
Instrumentos.....	XII
Procedimento de análise de dados.....	XIV
Resultados.....	XV
Estatística descritiva e análise de correlações	XV
Papel mediador do social connectedness	XV
Discussão dos resultados	XVII
Implicações para a literatura e para a prática clínica.....	XIX
Limitações e estudos futuros	XX
Referências.....	XXI

Índice de Quadro e Figuras

Quadro 1. Estatística descritiva e correlação entre valores, social connectedness e ciclos identitários (N=275).	XV
Figura 1. Coeficientes estandardizados do modelo de mediação proposto, da relação entre os valores pessoais, o social connectedness e os ciclos de desenvolvimento da identidade.	XVI

Introdução

Os valores, enquanto “conceitos ou crenças acerca de comportamentos ou estados desejados que guiam e avaliam o comportamento e os acontecimentos” (Schwartz & Bilsky, 1990, p. 878), têm um papel relevante na preservação da identidade pessoal, dando coerência e continuidade ao comportamento (Caprara, Schwartz, Capanna, Vecchione, & Barbaranelli, 2006). A importância de cada valor pessoal é, simultaneamente, um reflexo e um refletor da significação das experiências, da personalidade, do contexto e da cultura em que a pessoa se insere (Hermans & Oles, 1993; Prince-Gibson & Schwartz, 1998; Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012). Da mesma forma, a identidade, sendo composta por objetivos abstratos, valores, crenças e ideias (Stets & Burke, 2003), é influenciada pelos objetivos pessoais e normas sociais (Bardi, Jaspal, Polek, & Schwartz, 2014). A literatura tem realçado o papel dos valores na regulação das interações sociais (e.g., a importância do valor “honestidade” na relação entre pares) e a importância das relações sociais no desenvolvimento da identidade (Lee & Robbins, 1995; Schwartz, 2006; Soares, 1996). Desta forma, este trabalho pretendeu estudar: a relação entre os valores pessoais, os ciclos de identidade e o *social connectedness*¹; o impacto dos valores pessoais nos ciclos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx, Gossens e Soenens (2006); e o papel do *social connectedness* enquanto mediador da relação entre os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade. Assim, procurou contribuir-se para o enriquecimento e para a expansão do conhecimento científico sobre o impacto de variáveis individuais e relacionais no desenvolvimento da identidade em adultos emergentes portugueses.

A relevância do estudo deste tema pode ser fundamentada por vários pontos. Vários autores têm sugerido uma relação entre os processos de identidade e os valores pessoais, apontando para a relevância do compromisso com valores pessoais no desenvolvimento da identidade (Bardi et al., 2014; Duriez, Luyckx, Soenens, & Berzonsky, 2012; Hitlin, 2003). Por exemplo, os valores influenciam os objetivos pessoais e as escolhas dos grupos de pertença, o que se repercute, necessariamente, nas situações experienciadas e no comportamento individual (Seligman & Katz, 1996). Duriez e colaboradores (2012) concluíram que os objetivos e valores, enquanto

¹ Tendo em conta que não existe uma tradução fidedigna da expressão *social connectedness*, no presente estudo manter-se-á a expressão original que designa o sentido de pertença e de proximidade com o mundo social (Lee & Robbins, 1995, 1998).

conteúdos da identidade, e o processo de formação da identidade se influenciam reciprocamente. Bardi e colaboradores (2014) demonstraram que os valores pessoais afetam os “motivos” de identidade (estados finais desejáveis para a identidade, por exemplo, continuidade, autoestima) e os resultados da identidade (e.g., satisfação com a identidade), descritos na Identity Process Theory. Apesar de a literatura relevar a relação entre a identidade e os valores pessoais, a investigação nesta área tem sido escassa e não foram identificados estudos que analisem a relação entre os valores pessoais e os processos e ciclos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2006). O trabalho de Davidson e Youniss (1991) sugere a relevância do papel das relações com o grupo de pares e das comparações sociais no desenvolvimento identitário, no sentido de permitirem a consolidação das crenças sobre o/a próprio/a e os outros. Apesar de existirem estudos na literatura que relacionem as relações sociais (e.g., Cicognani, Klimstra, & Goossens, 2014; Davidson & Youniss, 1991) e a identidade, não foram encontrados estudos que relacionem processos e ciclos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2006) e o *social connectedness*.

O desenvolvimento da identidade é uma tarefa desenvolvimental central da etapa da adultez emergente (Arnett, 2014). Considerando que o desenvolvimento da identidade tem um impacto no funcionamento e no bem-estar individual (Erikson, 1968), a área da psicologia clínica poderá beneficiar com o aprofundamento da compreensão deste tópico para desenvolver intervenções centradas nos processos da identidade em adultos emergentes, através do foco nos valores pessoais e no *social connectedness*.

Os estudos focados no desenvolvimento da identidade têm utilizado, maioritariamente, amostras de estudantes do ensino secundário e superior (Beyers & Luyckx, 2015; Luyckx et al., 2011), o que limita a generalização dos resultados obtidos a outras populações. Pretendendo colmatar esta lacuna, o presente estudo procurou recorrer a uma amostra alargada e diversificada de adultos emergentes portugueses (trabalhadores e estudantes).

Desenvolvimento da identidade: modelos explicativos

A teoria do desenvolvimento psicossocial (Erikson, 1980) serviu de base ao desenvolvimento de vários modelos teóricos explicativos do desenvolvimento da identidade, nomeadamente, o modelo dos estados identitários (Marcia, 1966), o modelo do processo (Grotevant, 1987) e o modelo integrativo do desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2008). O modelo dos estados identitários de Marcia (1966) foi desenvolvido a partir da validação empírica do trabalho de Erikson (1972) e baseia-se na intersecção de dois processos centrais na formação da identidade: compromisso, que remete para a adesão a um conjunto de objetivos, valores e crenças, e exploração, i.e., o questionamento ativo das alternativas identitárias. A partir destes processos, Marcia (1980) definiu quatro estatutos de identidade: identidade realizada, i.e., o estabelecimento de um compromisso após a exploração de alternativas; difusão da identidade, i.e., ausência de exploração de alternativas e de compromissos; identidade fechada, i.e., definição de compromissos e objetivos, sem um período de exploração prévia; e identidade moratória, caracterizada por um processo de exploração e pela dificuldade de tomada de decisão e de estabelecimento de compromisso.

O modelo integrativo do desenvolvimento identitário de Luyckx e colaboradores (2008) corresponde a uma reformulação do modelo de estados identitários de Marcia (1966) e centra-se na forma como o processo de desenvolvimento identitário pode ser formulado após a formação de compromissos. Luyckx e colaboradores (2008) distinguiram cinco processos de identidade – exploração em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa, compromisso e identificação com compromisso². Os autores consideram que o desenvolvimento da identidade ocorre num processo com dois ciclos consecutivos – formação do compromisso e avaliação do compromisso – e agruparam quatro processos em dois ciclos consecutivos de formação da identidade. O primeiro ciclo, formação do compromisso, centra-se nos processos através dos quais os indivíduos exploram diferentes alternativas da identidade (exploração de amplitude ou pró-ativa) e aderem a compromissos de identidade (compromisso, i.e., adesão a valores, objetivos e crenças) (Luyckx et al., 2013). O segundo ciclo de identidade – avaliação do

² De acordo com os resultados do estudo de Luyckx (2008), o estado de identidade realizada encontra-se positivamente correlacionado com os processos de compromisso, identificação com o compromisso, exploração em profundidade e exploração em amplitude e o estado de difusão da identidade encontra-se negativamente associado ao compromisso, identificação com compromisso, exploração em profundidade e exploração em amplitude.

compromisso – foca os processos através dos quais os indivíduos reavaliam os seus compromissos de identidade (exploração em profundidade, i.e., avaliação e exploração dos compromissos atuais) e avalia o grau em que eles se identificam e se sentem seguros em relação aos seus compromissos (identificação com compromisso, i.e., grau em que os compromissos se integram no seu sentido de *self*) (Luyckx et al., 2013). O processo de identidade exploração ruminativa é perspetivado como um bloqueador do desenvolvimento identitário ou um processo não adaptativo e foi adicionado ao modelo posteriormente (Luyckx et al., 2008). Nos indivíduos com níveis elevados de exploração ruminativa, a dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias leva-os a um questionamento continuado em relação a essas questões e a sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2011).

Os processos identitários de exploração pró-ativa e de adesão a compromissos, têm sido positivamente associados a variáveis como a satisfação de necessidades psicológicas básicas (e.g., autonomia, competência) e à autoeficácia na tomada de decisões, i.e., escolha de objetivos/metapas, fazer planos para o futuro, recolha de informações ocupacionais (Cordeiro, Paixão, Lens, Lacante, & Luyckx, 2015). A literatura tem mostrado a associação entre os processos identitários de exploração e compromisso e o bem-estar, a autodescoberta e o ajustamento positivo (Ritchie et al., 2013; Schwartz et al., 2011). Por exemplo, o estudo de Karás, Ciecuch, Negru e Crocetti (2014) mostrou uma associação positiva entre os processos de compromisso e exploração em profundidade e o bem-estar.

Valores pessoais

A teoria dos valores individuais básicos de Schwartz (1992) propõe um agrupamento dos valores em torno de um *continuum* motivacional e sugere que os valores possam ser diferenciados consoante o foco individual *versus* coletivo (Schwartz et al., 2012). À semelhança de outros estudos realizados no contexto português (i.e., Batista, 2012; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2016), no presente estudo, os valores do Schwartz Values Survey (SVS) foram diferenciados em valores coletivistas (valores de interdependência, que enfatizam a conexão com os outros), e valores individualistas, i.e., focados na independência em relação aos outros.

Alguns trabalhos têm explorado a relação entre os valores pessoais e o processo de formação da identidade. Por exemplo, o trabalho de Duriez e colaboradores (2012),

centrado na relação entre valores de abertura à mudança e de conservação³ e os estilos de identidade informativa, normativa e difusa, com uma amostra de adolescentes, mostrou que (a) o estilo de identidade informativo e difuso são preditores negativos de valores de conservação; (b) o estilo normativo é um preditor positivo de valores de conservação. Bardi e colaboradores (2014) concluíram que os valores pessoais, propostos no modelo de Schwartz, são moderadores da relação entre os motivos de identidade (estados finais desejáveis para a identidade, por exemplo, continuidade, autoestima) e os resultados de identidade (e.g., satisfação com a identidade). Os autores concluíram também que as mudanças sociais e as diferenças individuais nos valores pessoais têm influência sobre o desenvolvimento da identidade dos sujeitos (i.e., os indivíduos que valorizam valores de conservação, podem ser afetados se deixarem de perceber o sentido de continuidade, levando à ameaça da identidade).

Alguns autores têm sugerido que os valores pessoais são uma forma de conexão com o mundo social (e.g., Collins, 1990; Gecas, 2000; Hitlin, 2003). Por exemplo, Denzin (2013), com base no Interacionismo Simbólico, sugere que os valores são construtos pessoais e sociais que permitem manter a conexão entre as pessoas e os seus contextos sociais. No mesmo sentido, o trabalho de Olsson, Nada-Raja e Williams (2012) mostrou que os valores pró-sociais (e.g., honestidade, justiça, coragem, generosidade e bondade) estão associados positivamente ao desenvolvimento de relações positivas com os outros e com o mundo e, que a maturação destes valores influencia o *social connectedness* e o bem-estar.

Social connectedness

A proximidade com o mundo social desenvolve-se desde a infância, prolonga-se durante toda a vida e atinge o expoente máximo na adolescência (Lee, Draper, & Lee, 2001; Lee & Robbins, 1995). Lee e Robbins (1998) definiram o *social connectedness* como um sentimento interno de pertença e de proximidade interpessoal com vários grupos (e.g., família, amigos, colegas), funcionando como um esquema relacional ou uma estrutura cognitiva que representa os padrões de relacionamento interpessoal. O *social connectedness* pode ser descrito como num *continuum* que oscila entre níveis elevados e baixos. As pessoas com elevados níveis de *social connectedness* tendem a

³ De acordo com a teoria de Schwartz (1992), os valores de abertura à mudança englobam valores de autodeterminação, estimulação e hedonismo; os valores de conservação englobam valores de segurança, conformidade e tradição.

sentir-se próximas dos outros, participam em atividades sociais e desenvolvem um sentimento de identificação com os outros (Lee, Draper, & Lee, 2001; Lee & Robbins, 1995). Por outro lado, as pessoas com um nível baixo de *social connectedness* são incapazes de gerir as suas necessidades e sentimentos e evitam contactos sociais (Lee, Draper, & Lee, 2001; Lee & Robbins, 1995). O *social connectedness* tem sido associado a várias variáveis, nomeadamente à sintomatologia psicológica. Neste sentido, vários estudos têm suportado a ideia de que o *social connectedness* seja um fator protetor do bem-estar, estando negativamente associada à sintomatologia ansiosa e depressiva e a comportamentos autodestrutivos (Rossi, Stratta & Capanna, 2012). No mesmo sentido, os resultados do estudo de Sica & Sestito (2014) sugeriram que o *social connectedness* é uma variável mediadora da relação entre a depressão e autoestima.

Como já foi referido, na revisão de literatura efetuada, não foram identificados estudos que relacionem os processos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2008) e o *social connectedness*. Todavia, os trabalhos revistos apontam para que as relações com o grupo de pares e as comparações sociais permitam consolidar as crenças sobre si próprio e sobre os outros, pelo que são essenciais ao desenvolvimento da identidade (Davidson & Youniss, 1991). Os resultados do estudo de Cicognani, Klimstra e Goossens (2014), com uma amostra de 431 adolescentes italianos e 221 adolescentes belgas, demonstraram também que: (a) quanto mais firmes e sustentados forem os compromissos assumidos, maior é o sentimento de pertença à comunidade; (b) os adolescentes com um estado de identidade realizada apresentam níveis mais elevados de sentido comunitário, suporte e conexão emocional com os pares e sentimento de pertença, em comparação com os adolescentes com um estado de difusão de identidade.

Adultos emergentes: tarefas desenvolvimentais

A adultez emergente, tal como é definida por vários autores (e.g., Arnett, 2014), é uma etapa desenvolvimental que decorre entre os 18 e os 25 anos, caracterizada por exploração da identidade, instabilidade, autocentração, a vivência da ambiguidade entre não ser adolescente e não se sentir adulto e a experiência de várias possibilidades (e.g., relacionamentos amorosos, trabalho e na visão do mundo). Os trabalhos realizados em Portugal focados em adultos emergentes apontam para que a adultez emergente possa ser definida através da maturidade psicológica e independência económica (Mendonça, 2007). De acordo com Arnett (2000, 2004), para a maioria dos adultos

emergentes, as explorações nas diversas áreas tendem a estabilizar, levando à formação de compromissos mais sólidos, no final da segunda década de vida. Contudo, nos países mediterrâneos, a transição para a idade adulta ocorre essencialmente no interior da família, devido às dificuldades económicas e à instabilidade laboral, o que lentifica este processo (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012; Scabini, Marta, & Lanz, 2006). Apesar dos aspetos positivos da construção da identidade num contexto familiar seguro, a permanência na casa dos pais dificulta o processo de individuação e de autonomia (Scabini, 2000; Scabini et al., 2006), podendo também alargar, temporalmente, esta etapa desenvolvimental. Deste modo, tendo em conta o contexto socioeconómico português e os trabalhos de vários autores (Brandão et al., 2012), neste trabalho foi alargada a faixa etária da adulez emergente para o período que decorre entre os 18 e os 30 anos.

O presente estudo

Com base na literatura revista, o presente estudo pretende analisar se os valores pessoais predizem os dois ciclos de desenvolvimento da identidade e qual o papel do *social connectedness* enquanto mediador da relação entre os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade. Considerando a relação entre os valores pessoais e a identidade sugerida por vários autores (e.g., Bardi et al., 2014; Duriez et al., 2012), espera-se que os valores pessoais sejam preditores dos dois ciclos de desenvolvimento da identidade. Tendo em conta os resultados de trabalhos prévios (e.g., Denzin, 2013; Gecas, 2000; Hitlin, 2003; Olsson et al., 2012), espera-se que o *social connectedness* se associe aos valores pessoais e aos ciclos de desenvolvimento identitário e que seja mediador da relação entre as duas variáveis. Especificamente, espera-se que a elevada adesão a valores coletivistas e individualistas se associe a níveis elevados de *social connectedness* e, conseqüentemente, a valores mais elevados de formação e avaliação da identidade.

Método

Amostra

A amostra foi constituída por 275 participantes ($N = 275$), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 22.24$; $DP = 2.60$). A maioria da amostra era do género feminino (74.90%), vivia com a família (55.30%) e era estudante (71.30%), sendo que 21.50% trabalhava. Relativamente à situação afetivo-relacional, 44.70% da amostra não se encontrava numa relação amorosa, 42.10% estava numa relação de namoro e 7.3% coabitava/estava em união de facto. Quanto ao nível de escolaridade, 61.50% da amostra frequentava o ensino superior e 21.50% já tinha completado o ensino superior. Relativamente à zona de residência, 59.30% da amostra residia na zona da Grande Lisboa, 18.20% residia na zona do Centro e 10.20% residia na Região Autónoma da Madeira. Quanto à religiosidade, 42.20% dos participantes eram crentes praticantes, 36.70% eram crentes não praticantes e 21.20% eram não crentes. A maioria da amostra nunca tinha tido acompanhamento psicológico (68%), 26.20% tinha tido acompanhamento no passado e 4.7% tinha acompanhamento psicológico no momento da recolha.

Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados decorreu entre fevereiro e maio de 2016, através de técnica de amostragem não probabilística, após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Como critério de inclusão foram estabelecidos: idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos; nacionalidade portuguesa.

Através do método “bola-de-neve”, da amostra foi recolhida presencialmente, através de procedimentos informais em grupo (e.g., contexto de sala de aula em Instituições de Ensino Superior) ou individualmente (e.g., rede social), e *on-line* através da plataforma Google Docs. Com o recurso a estas estratégias pretendeu-se uma diversificação da amostra, integrando adultos emergentes (18-30 anos) que frequentam e que não frequentam o ensino superior. Os participantes colaboraram voluntariamente e sem qualquer remuneração, após a explicitação dos objetivos do estudo e a assinatura do consentimento informado. Foram esclarecidas eventuais dúvidas relacionadas com as

questões e/ou vocabulário, quer presencialmente, quer pela disponibilização dos contactos eletrónicos da responsável pela investigação.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais e sociodemográficos. O questionário incluiu questões como idade, género, situação relacional, nível de escolaridade, profissão, religiosidade e acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico.

Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale, DIDS; versão original: K. Luyckx, 2006; tradução e adaptação para a população portuguesa: Prioste, Lugar, Paulino, & Jongenelen, 2016). A DIDS é um instrumento de auto-relato que integra 25 itens e avalia o desenvolvimento da identidade através de uma escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 = *Discordo fortemente* a 6 = *Concordo fortemente*. A DIDS avalia cinco dimensões: Exploração em profundidade, composta por cinco itens (e.g., "Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.") que avaliam a exploração de alternativas após a adesão a compromissos; Exploração em amplitude, integra cinco itens (e.g., "Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.") que medem a exploração de alternativas prévia à adesão a compromissos; Compromisso, inclui cinco itens (e.g., "Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.") que avaliam a adesão a compromissos; Identificação com o compromisso constituída por cinco itens (e.g., "Os meus planos para o futuro dão-me autoconfiança.") que avaliam a segurança e de identificação em relação aos compromissos; e Exploração ruminativa composta por cinco itens (e.g., "Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.") que avaliam a exploração progressiva de diversas alternativas e a não adesão a compromissos.

No estudo de validação da DIDS (Luyckx et al, 2008), com uma amostra de jovens adultos, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .79$ para a dimensão Exploração em profundidade e entre $\alpha = .86$ para as dimensões Compromisso, Identificação com o compromisso, Exploração em amplitude e Exploração ruminativa. No presente estudo, as dimensões mostraram igualmente valores de consistência interna adequados: $\alpha = .88$ para a dimensão Compromisso; $\alpha = .80$ para a dimensão Identificação com compromisso; na dimensão

Exploração em amplitude $\alpha = .76$; na dimensão Exploração em profundidade $\alpha = .89$; e $\alpha = .68$ na dimensão Exploração ruminativa.

Questionário sobre Valores Pessoais Readaptado (QVPR; versão original: Schwartz, 1992; tradução e adaptação para a população portuguesa: Menezes e Campos, 1991 e Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012). O QVPR é um instrumento de auto-relato que inclui uma lista única de 63 valores. A tarefa do participante consiste em avaliar quão importante é cada valor enquanto princípio orientador da sua vida, utilizando uma escala de (0) *nada importante* a (6) *de importância fundamental*. Em cada item são apresentados um valor e uma definição, para diminuir a carga de subjetividade semântica na interpretação do item (Prioste et al., 2012). O QVPR avalia oito dimensões – tipos de valores – organizados em duas classes de valores: Individualista e Colectivista. A classe de valores Colectivista é composta pelos tipos de valores Relacional, Tradicionalismo, Preocupação Social e Espiritualidade e avalia a importância de valores de interdependência, i.e., que enfatizam a conexão com os outros. A classe de valores Colectivista inclui valores como “Família (valorização da prioridade da família no percurso de vida)” e “Generosidade (valorização de ações gratuitas em prol dos outros)”. A classe de valores Individualista é composta pelos tipos de valores Aventura, Poder Social, Realização Pessoal e Equilíbrio Pessoal e avalia a importância de valores de independência em relação aos outros. A classe de valores Individualista inclui valores como “Independência pessoal (valorização da auto-suficiência, da autonomia)” e “Prazer (satisfação de desejos)”. Quanto maior a pontuação nas classes de valores Individualista e Colectivista, maior a adesão aos valores individualistas e colectivistas.

No estudo de Prioste e colaboradores (2015), as classes Individualista e Colectivista mostraram valores adequados de consistência interna ($\alpha = .90$ para a classe Individualista e $\alpha = .88$ para a classe Colectivista). No presente estudo, as dimensões mostraram igualmente valores de consistência interna adequados: $\alpha = .93$ para a classe dos valores Colectivistas e $\alpha = .94$ para a classe dos valores Individualistas.

Social Connectedness Scale - Revised (SCS-R; versão original: Lee, Draper & Lee, 2001; tradução e adaptação para a população portuguesa: Francisco, Crespo, Dias, Malaquias & Rocha, 2011). A SCS-R é um instrumento de autorrelato que avalia a proximidade interpessoal que o sujeito experiencia nas suas relações com o mundo social (Lee et al., 2001), através de uma escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 (*Discordo fortemente*) a 6 (*Concordo fortemente*). A escala é composta por 20 itens,

sendo que dez dos itens estão enunciados negativamente (e.g., “Mesmo entre pessoas que conheço, não sinto que realmente pertença ali”) e os restantes dez estão formulados na positiva (e.g., “Vejo as pessoas como amigáveis e acessíveis”). Quanto maior a pontuação da escala, maior o nível de *social connectedness*.

No estudo de Francisco e colaboradores (2011), a SCS-R apresentou valores adequados de consistência interna ($\alpha = .90$). No presente estudo, foi também encontrado um valor adequado de consistência interna ($\alpha = .92$).

Procedimento de análise de dados

Inicialmente, foi realizada a análise descritiva dos dados e foram analisadas as correlações entre as variáveis *social connectedness*, valores coletivistas, valores individualistas, formação da identidade e avaliação da identidade através do *software Statistical Package for the Social Science 22*. De seguida, o modelo concetual proposto foi testado através da Análise de Equações Estruturais (Structural Equation Modeling, SEM), usando o método da máxima verosimilhança, com recurso ao *software AMOS 22* (Arbuckle, 2012).

O modelo proposto (Figura 1), que incluía sete variáveis latentes, testou o papel do *social connectedness* como variável mediadora da relação entre os valores e os ciclos de desenvolvimento identitário. No modelo, a variável independente (valores) foi especificada como uma variável latente de segunda ordem e foi medida através dos valores individualistas (VI) e dos valores colectivistas (VC); a variável dependente (ciclos de desenvolvimento identitário) foi também especificada como uma variável latente de segunda ordem e foi medida através da formação da identidade (FI) e da avaliação da identidade (AI). No sentido de simplificar o modelo e de reduzir o número de parâmetros a serem estimados, foram usadas parcelas de multi-item para especificar as variáveis (Little et al., 2002). Para garantir a identificação estatística do modelo, a carga fatorial de uma das parcelas de cada variável latente foi constrangida a 1.00.

A avaliação do ajustamento do modelo aos dados foi realizada com base na análise dos seguintes índices de ajustamento: qui-quadrado (χ^2), *comparative fit index* (CFI) e o *root-mean-square error of approximation* (RMSEA). De acordo com Garson (2012), valores de CFI $\geq .90$, e valores de RMSEA ≤ 0.06 são indicativos de um bom ajustamento do modelo aos dados.

Resultados

Estatística descritiva e análise de correlações

A estatística descritiva e as correlações entre as variáveis encontram-se apresentadas no Quadro 1. Os valores coletivistas apresentam-se positivamente correlacionados com os valores individualistas, o *social connectedness*, a formação e a avaliação do compromisso. Observam-se correlações positivas entre os valores individualistas e o *social connectedness* e a formação do compromisso. O *social connectedness* encontra-se positivamente correlacionado com a avaliação e a formação do compromisso. Por último, a formação do compromisso encontra-se positivamente correlacionada com a avaliação do compromisso.

Quadro 1. Estatística descritiva e correlação entre valores, *social connectedness* e ciclos identitários (N=275).

Variável	1	2	3	4	5
1. Valores coletivistas	-				
2. Valores individualistas	.85**	-			
3. <i>Social connectedness</i>	.27**	.23**	-		
4. Formação de compromisso	.12**	.14**	.34**	-	
5. Avaliação de compromisso	.14*	.11	.29**	.60**	-
<i>M</i>	4.68	4.59	4.58	3.92	3.67
<i>DP</i>	.69	.63	.76	.48	.56

Nota. ** $p < .01$; * $p < .05$

Papel mediador do *social connectedness*

Inicialmente, foi analisada a variável valores pessoais como preditor dos ciclos de desenvolvimento da identidade. Os parâmetros estimados mostraram que os valores pessoais estão significativamente associados à variável dependente ($\beta = .18, p < .001$),

mas os índices de ajustamento revelam que o modelo não é adequado aos dados (χ^2 (1, $N = 275$) = 2.04, n.s., CFI = .98, RMSEA = .06). Posteriormente, foi testada a hipótese de que o efeito do preditor dos valores nos ciclos de desenvolvimento da identidade seria mediado pelo *social connectedness* (Figura 1). Os índices de ajustamento do modelo revelam que o modelo concetual proposto é adequado aos dados: χ^2 (11, $N = 275$) = 20.51, $p < .05$, CFI = .99, RMSEA = .056, explicando 18% da variância. Os resultados indicam um efeito de mediação do *social connectedness* na relação entre os valores e os ciclos de desenvolvimento da identidade (Sobel = 2.30, $p < .005$).

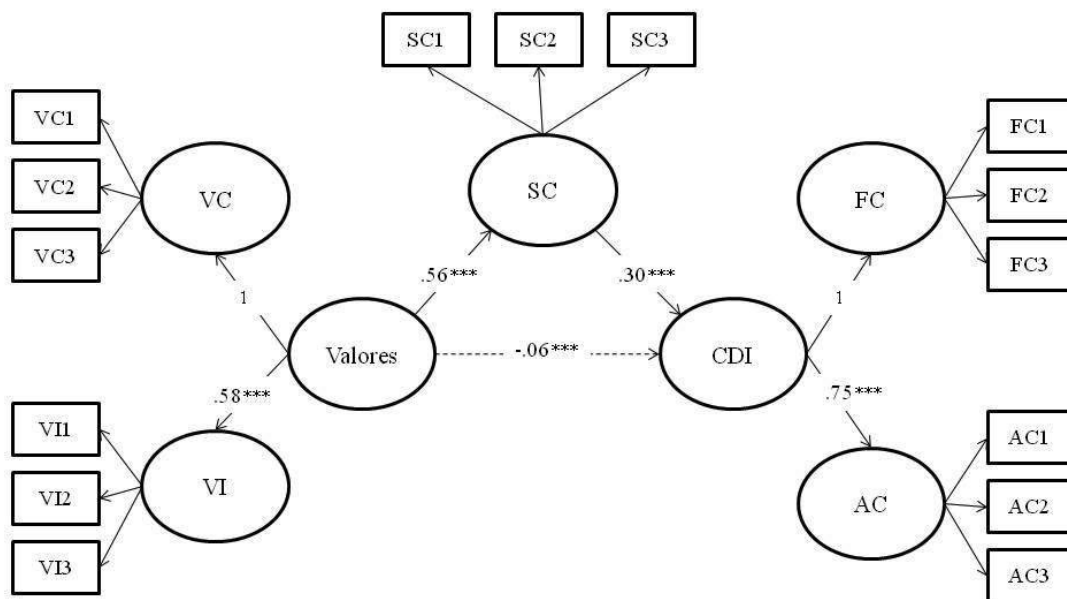


Figura 1. Coeficientes estandardizados do modelo de mediação proposto, da relação entre os valores pessoais, o *social connectedness* e os ciclos de desenvolvimento da identidade.

Nota: VI = valores individualistas; VC = valores coletivistas; SC = *social connectedness*; SC1-SC3 = parcelas relativas à escala SCS-R; CDI = ciclos de desenvolvimento da identidade; FC = formação do compromisso; FC1-FC3 = parcelas relativas à escala FC; AC = avaliação do compromisso; AC1-AC1 = parcelas relativas à escala AC.

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Discussão dos resultados

O presente estudo pretendeu investigar: (1) a relação entre os valores coletivistas e individualistas, os ciclos de identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2008) e o *social connectedness*; (2) se os valores pessoais predizem os ciclos de desenvolvimento da identidade; e (3) o papel do *social connectedness* enquanto mediador da relação entre os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade. Este trabalho tem como finalidade contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico sobre o impacto de variáveis individuais e relacionais no desenvolvimento da identidade em adultos emergentes portugueses. Para além disso, pretendeu-se colmatar algumas das lacunas identificadas na literatura, nomeadamente, a inexistência de estudos que relacionem os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade, tendo por base o modelo de Luyckx e colaboradores (2008).

Apesar de os índices de ajustamento do modelo de predição terem mostrado que o modelo não é adequado aos dados, os resultados obtidos apontam para que os valores pessoais sejam preditores dos ciclos de desenvolvimento da identidade, i.e., quanto maior for a adesão dos adultos emergentes aos valores coletivistas e individualistas, maior será o nível de formação e de avaliação dos compromissos. Estes resultados apoiam os trabalhos que sugerem que a adesão a valores pessoais influencia o desenvolvimento da identidade (Hitlin, 2003). Por outro lado, tal como sugeriram Bardi e colaboradores (2014), as associações positivas observadas entre a formação do compromisso e os valores individualistas e coletivistas realçam a importância dos objetivos pessoais e das normas sociais na exploração de alternativas e projetos de vida e no estabelecimento de compromissos com eles/as.

Os resultados obtidos apontam também para que a avaliação do compromisso se correlacione apenas com os valores coletivistas e não com os valores individualistas, sugerindo que a adesão a valores que privilegiem o coletivo/grupo é essencial para que os adultos emergentes se identifiquem com os seus compromissos e os explorem ativamente e profundamente. Deste modo, os resultados suportam a literatura que realça a importância da conexão com o grupo de pares e das comparações sociais na consolidação das crenças sobre o próprio e no desenvolvimento da identidade (Davidson & Youniss, 1991). Por outro lado, tendo em conta alguns estudos portugueses (e.g., Prioste et al., 2017; Ramos, 2006), o facto de os valores coletivistas

serem, tendencialmente, mais valorizados em Portugal, poderá também justificar o facto de serem os mais influentes na avaliação de compromissos identitários de adultos emergentes portugueses.

A hipótese referente ao papel mediador do *social connectedness* na relação entre os valores pessoais e os ciclos de desenvolvimento da identidade foi apoiada pelos resultados. Os resultados obtidos, quer através das correlações, quer através do teste ao modelo proposto, corroboram trabalhos anteriores, mostrando que os valores pessoais preservam o sentido de ligação com o mundo social, diminuindo a perceção de desconexão com os outros (Denzin, 2013), e favorecem a formação e a avaliação de compromissos (Cicognani et al., 2014). O sentimento de proximidade interpessoal poderá, assim, funcionar como “*o padrão que liga*” os princípios orientadores da vida dos adultos emergentes com a exploração e identificação das escolhas. Neste sentido, as relações interpessoais e sociais poderão funcionar como um meio privilegiado para experienciar os valores pessoais e como um contexto de validação da identidade (Davidson & Youniss, 1991).

Implicações para a literatura e para a prática clínica

Os resultados mostraram que os valores pessoais são preditores dos ciclos de desenvolvimento da identidade, quanto maior a adesão a valores coletivistas e individualistas maior o nível de formação e avaliação dos compromissos. Verificaram-se também associações positivas entre a formação de compromissos e os valores coletivistas e individualistas. A literatura poderá beneficiar destes resultados nos estudos focalizados em analisar a relação entre os valores pessoais e o desenvolvimento identitário (Bardi et al., 2014; Duriez et al., 2012; Hitlin, 2003), visto não existirem estudos que relacionem os dois ciclos de desenvolvimento da identidade com os valores pessoais e ter-se verificado nos resultados a influência dos valores pessoais sobre estes ciclos da identidade. Estes resultados poderão ter implicações para a literatura com foco no estudo do desenvolvimento identitário na fase dos adultos emergentes (Skhirtladze, Javakhishvili, Schwartz, Beyers, & Luyckx, 2016), ao mostrarem que a adesão a valores individualistas e coletivistas por parte dos adultos emergentes influencia a formação dos compromissos de identidade e que a adesão a valores coletivistas é essencial para que se identifiquem com os compromissos e os explorem ativamente.

Os resultados mostraram também que o *social connectedness* é mediador da relação entre os valores pessoais e o desenvolvimento da identidade. Estes resultados poderão ter implicações para a literatura no estudo do *social connectedness* e das relações interpessoais e sociais, ao mostrar que os valores pessoais preservam o sentido de ligação com o mundo social e que as relações sociais poderão funcionar como um contexto de validação da identidade.

Os resultados que apontam para que os valores pessoais sejam preditores dos ciclos de desenvolvimento da identidade e que o sentido de ligação com o mundo social possa funcionar como um contexto de validação da identidade poderão ter implicações clínicas. No sentido em que a área da psicologia clínica poderá beneficiar do aprofundamento deste tema para desenvolver intervenções centradas no desenvolvimento da identidade em adultos emergentes, através do foco nos valores pessoais e no *social connectedness*.

Limitações e estudos futuros

Embora o presente estudo possa contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre o impacto de variáveis individuais e relacionais no desenvolvimento da identidade em adultos emergentes portugueses, apresenta diversas lacunas. O facto de a amostra utilizada neste estudo ser não probabilística não permite a generalização dos resultados à população de adultos emergentes portugueses. Para além disso, a amostra é discrepante em relação ao género e à ocupação, sendo maioritariamente constituída por estudantes universitários/as do género feminino. Em relação aos instrumentos, o facto de terem sido utilizados instrumentos de auto-relato levanta questões em relação aos enviesamentos pela desiderabilidade social. Para além disso, o facto de o estudo ter um desenho transversal, não possibilita o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis em estudo. Por último, o facto de não ter sido incluído no estudo o processo de exploração ruminativa, não nos permite estudar mais detalhadamente a dinâmica do desenvolvimento da identidade proposta por Luyckx e colaboradores (2008).

Com o intuito de colmatar estas lacunas, seria importante analisar os resultados obtidos em estudos futuros com uma amostra de adultos emergentes mais heterogénea que incluísse uma maior percentagem de participantes do género masculino e de adultos emergentes trabalhadores. Seria também interessante incluir adultos emergentes “nem-nem”, i.e., os/as que não trabalham e não estudam.

Alguns trabalhos têm demonstrado a influência da satisfação com a vida e do género nos valores pessoais e na identidade (e.g., Casas, González, Figuer, & Coenders, 2004; Dannerbeck, Casas, Sadurni, & Coenders, 2004; Summer, Burrow, & Hill, 2015; Torres & Brites, 20006). Neste sentido, os estudos para além de incluírem o processo de exploração ruminativa poderiam incluir estas variáveis, no sentido de aumentar a percentagem de variância explicada e de compreender se o género poderá ter um papel mediador na relação entre os valores, o *social connectedness* e o desenvolvimento da identidade.

Referências

- Arbuckle, J. L. (2012). *Amos 21.0 User's guide*. Chicago: SPSS, IBM.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-80.
- Arnett, J. J. (2014). Presidential Address: The Emergence of Emerging Adulthood: A Personal History. *Emerging Adulthood*, 2, 155-162.
- Baptista, A. S. C. (2012). *Os valores dos pais predizem os valores dos filhos adolescentes? Um estudo com famílias nucleares intactas* (Unpublished master's thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Bardi, A., Jaspal, R., Polek, E., & Schwartz S. (2014). Values and identity process theory (IPT): theoretical integration and empirical interactions. In R. Jaspal & G.M. Breakwell (Eds.), *Identity process theory: Identity, social action and social change*. New York: Cambridge.
- Beyers, W., & Luyckx, K. (2015). Ruminative exploration and reconsideration of commitment as risk factors for suboptimal identity development in adolescence and emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 47, 169-178.
- Breakwell, G. M. (1986). *Coping with Threatened Identities*. London: Methuen.
- Breakwell, G. M. (2001) Social representational constraints upon identity processes. In: K. Deaux & G. Philogene (Eds.), *Representations of the social: Bridging theoretical traditions*. Oxford: Blackwell.
- Caprana, G. V., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political Psychology*, 27, 1-29.

- Casas, F., González, M., Figuer, C., & Coenders, G. (2004). Subjective well-being, values and goal achievement: The case of planned versus by chance searches on the internet. *Social Indicators Research*, *66*, 123–141.
- Cicognani, E., Klimstra, T., & Goossens, L. (2014). Sense of community, identity statuses, and loneliness in adolescence: a cross-national study on Italian and Belgian youth. *Journal of Community Psychology*, *42*, 414–432.
- Collins, P. (1990). *Black feminism thought*. New York: Routledge & Kegan Paul.
- Cordeiro, P. M., Paixão, M. P., Lens, W., Lacantes, M., & Luyckx, K. (2015). Cognitive-motivational antecedents of career decision-making processes in Portuguese high school students: A longitudinal study. *Journal of Vocational Behavior*, *90*, 145-153.
- Dannerbeck, A., Casas, F., Sadurni, M., & Coenders, G. (2004). *Quality-of-life Research on Children and Adolescents*. Berlin: Springer Science Business Media.
- Davidson, P., & Youniss, J. (1991). Which comes first, morality or identity? In W. M. Kurtines, J. L. Gewirtz & J. L. Lamb (Eds.), *Handbook of moral behavior and development: Theory, research and applications*. New Jersey: Erlbaum.
- Denzin, N. K. (2013). *40th Anniversary of Studies in Symbolic Interaction*. United Kingdom: Esmerald.
- Duriez, B., Luyckx, S., Soenens, B., & Berzonsky, M. (2012). A process-content approach to adolescent identity formation: Examining longitudinal associations between identity styles and goal pursuits. *Journal of Personality*, *80*, 135- 161.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1980). Growth crises of the healthy personality. In E. Erikson (Eds.), *Identity and the Life Cycle*. New York: W. W. Norton.

- Erikson, E. H. (1972). *Identity: youth and crisis*. New York: W. W. Norton & Company.
- Gecas, V. (2000). Values identities, self-motives, and social movements. In Strycker, S., Owens, T. J., & White, R. W. (Eds.), *Self, identity, and social movements* (pp. 93-109). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Grotevant, H. D. (1987). Toward a process model of identity formation. *Journal of Adolescent Research*, 2, 203-222.
- Hermans, H. J. M. & Oles, P. K. (1993). The personal meaning of values in a rapid changing society. *The Journal of Social Psychology*, 134, 569-579.
- Hitlin, S. (2003). Values as the core of personal identity: drawing links between two theories of the self. *Social Psychology Quarterly*, 66, 118-37.
- Karás, D., Ciecuch, J., Negru, O., & Crocetti, E. (2014). Relationships between identity and well-being in Italian, Polish, and Romanian emerging adults. *Social Indicators Research*, 121, 727-743.
- Lee, R. M., Draper, M., & Lee, S. (2001). Social connectedness, dysfunctional interpersonal behaviors, and psychological distress: Testing a mediator model. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 310-318.
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1995). Measuring belongingness: The social connectedness and the social assurance scales. *Journal of Counseling Psychology*, 42, 232-241.
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1998). The relationship between social connectedness and anxiety, self-esteem, and social identity. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 338-34.
- Luyckx, K., Goossens, L., & Soenens, B. (2006). A developmental-contextual perspective on identity construction in emerging adulthood: Change dynamics in

commitment formation and commitment evaluation. *Developmental Psychology*, 42, 366–380.

Luyckx, K., Klimstra, T., Duriez, B., Petegem, S., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality, and depressive symptoms. *Social Development*, 22, 707-721. doi:10.1111/sode.12027

Luyckx, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of Research in Personality*, 42, 58-82. doi: 10.1016/j.jrp.2007.04.004

Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 77-98). New York: Springer.

Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.

Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159–186). New York: Wiley.

Menezes, I., Costa, M. E., & Campo, B. P. (1989). Valores de Estudantes Universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.

Olsson, C. A., McGee, R., Nada-Raja, S., & Williams, S. M. (2012). A 32-year longitudinal study of child and adolescent pathways to well-being in adulthood. *Journal of Happiness Studies*, 14, 1069-1083.

Prince-Gibson, E., & Schwartz, S. (1998). Value priorities and gender. *Social Psychology Quarterly*, 61, 49-67.

- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais
Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação.
Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 34, 175-199.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2015). Family relationships and
parenting practices: A pathway to adolescents' values? *Journal of Child and
Family Studies*, 24 (11), 3258-3267.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2017). Values' family flow:
Associations between grandparents, parents and adolescent children. *Journal of
Family Studies*, 23, 98-117.
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., & Jongenlenen, I. (2016). Escala das Dimensões do
Desenvolvimento Identitário – Versão para investigação. Escola de Psicologia e
de Ciências da Vida. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Ritchie, R. A., Meca, A., Madrazo, V. L., Schwartz, S. J., Hardy, S. A., Zamboanga, B.
L., Weisskirch, R. S., Kim, S. Y., Whitbourne, S. K., Ham, L. S., & Lee, R. M
(2013). Identity dimensions and related processes in emerging adulthood: Helpful
or harmful? *Journal of Clinical Psychology*, 69, 415-432.
- Rossi, A., Stratta, P., & Capanna, C. (2012). Social connectedness and
psychopathology. *Journal of Psychopathology*, 18, 305-308.
- Scabini, E. (2000). Parent-child relationships in Italian families: Connectedness and
autonomy in the transition to adulthood. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 23-30.
- Scabini, E., Marta, E., & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family
relations: An intergenerational perspective*. London: Psychology Press.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical
advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in
experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.

- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.
- Schwartz, S. J., Luyckx, K., Beyers, W., Soenens, B., Zamboanga, B. L., Forthun, L. F., Hardy, S. A., Vazsonyi, A. T., Ham, L. S., Kim, Y. S., Whitbourne, K. S., & Waterman, A. S. (2011). Examining the light and dark sides of emerging adults' identity: A study of identity status differences in positive and negative psychosocial functioning. *Journal of Youth and Adolescence*, 40, 839-859.
- Schwartz, S. J., Montgomery, M. J., & Briones, E. (2006). The role of identity in acculturation among immigrant people: Theoretical propositions, empirical questions, and applied recommendations. *Human Development*, 49, 1-30.
- Schwartz, S. J., Pantin, H., Prado, G., Sullivan, S., & Szapocznik, J. (2005). Family functioning, identity, and problem behavior in Hispanic immigrant early adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 25, 392-420.
- Seligman, C. & Katz, A. (1996). The dynamics of value systems. In C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Zanna (Orgs.), *The psychology of values: The Ontario Symposium* (Vol. 8; pp. 53-75). Mahwah, NJ: LEA.
- Sica, L. S.; Sestito, L. A. (2014) Identity formation os Italian emerging adults living with parents: A narrative study, in: *Journal of Adolescence*, 37, 1435-1447.
- Skhirtladze, N., Javakhishvili, N., Schwartz, S. J., Beyers, W., & Luyckx, K. (2016). Identity processes and statuses in post-Soviet Georgia: Exploration processes operate differently. *Journal of Adolescence*, 47, 197-209.
- Soares, I. (1996). Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

- Stets, J. E., & Burke, P. J. (2003). A sociological approach to self and identity. In M. R. Leary & J. P. Taguey (Eds.), *The Handbook of Self and Identity*. New York: Guilford Press.
- Sumner, R., Burrow, A. L., & Hill, P. L. (2015). Identity and purpose as predictors of subjective well-being in emerging adulthood. *Emerging Adulthood, 3*, 46-54.
- Torres, A. & Brites, R. (2006). European attitudes and values: The perspective of gender in a transverse analysis. *Portuguese Journal of Social Science, 5*, 179-214.